

HIKOMA UDIHARA: UM IMIGRANTE COLONIZADOR INAUGURA O CINEMA NO NORTE DO PARANÁ

Paulo César Boni; Daniel de Oliveira Figueiredo *

Resumo: Por quase três décadas, dos anos 30 aos anos 50 do século XX, o imigrante Hikoma Udihara registrou a colonização e desenvolvimento do norte do estado do Paraná. Autodidata, produziu cerca de dez horas de filmagens que, por sua relevância documental, constituem imprescindível fonte de pesquisa para a recuperação histórica, preservação da memória e construção da identidade do norte do Paraná, bem como para o resgate do cinema paranaense. Palavras-chave: Hikoma Udihara, norte do Paraná, cinema paranaense, Londrina.

Resumen: Durante casi tres décadas, de los años 30 a los años 50 del siglo XX, el inmigrante Hikoma Udihara registró la colonización y el desarrollo del norte del estado de Paraná. Autodidacta, produjo unas diez horas de grabaciones que, por su relevancia documental, constituyen fuente indispensable de investigación para la recuperación histórica, preservación de la memoria y construcción de la identidad del norte de Paraná, así como para el rescate del cine paranaense. Palabras clave: Hikoma Udihara, norte del Paraná, Paraná cine, Londrina.

Abstract: For nearly three decades, from 30's to 50's in the twentieth century, the immigrant Hikoma Udihara recorded the settlement and development of the northern of Paraná. Autodidact, produced about ten hours of footage that, due to its documentary relevance, constitute an essential research's resource for the historical recovery, memory preservation and construction of the identity in northern of Paraná, and also for the rescue of the Paraná's cinema. Keywords: Hikoma Udihara, northern of Paraná, Paraná's cinema, Londrina.

Résumé: Pendant près de trois décennies, des années 1930 aux années 1950, l'immigrant Hikoma Udihara a filmé l'avancée de la colonisation et le développement du nord du Paraná. Autodidacte, il a produit presque une dizaine d'heures d'images d'un très grand intérêt, constituant une source indispensable de la recherche pour la restauration historique, la préservation de la mémoire et la construction identitaire dans le nord du Paraná. Sur un autre plan, ces documents permettent également de préserver le cinéma de cet Etat. Mots-clés: Hikoma Udihara, nord du Paraná, cinéma du Paraná, Londrina.

Introdução

Historicamente, é impossível dissociar o nome do imigrante japonês Hikoma Udihara da colonização e do cinema no norte do estado do Paraná (Brasil). No primeiro caso, porque ele tinha exclusividade, outorgada pela

* Paulo César Boni - *Universidade Estadual de Londrina (UEL)*. Email: pcboni@sercomtel.com.br
Daniel de Oliveira Figueiredo, *Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL)*. Email: daniel.of.uel@gmail.com

Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), para negociação de terras na recém aberta região para imigrantes japoneses, uma das etnias mais presentes em seu processo de colonização. No segundo caso, porque ele foi o “cineasta” pioneiro do norte do Paraná, autor de suas primeiras imagens fílmicas.

Apaixonado pelas duas atividades – idealista como imigrante e competente como cinegrafista, buscou convergi-las, com doses de arte, ideologia e sagacidade. Primeiro usou as imagens, como publicidade, para vender terras aos conterrâneos. Depois, usou-as novamente, desta vez para reivindicar – e conseguir – melhorias para a região que, por extensão, beneficiavam os japoneses nela instalados.

Hikoma Udihara, o imigrante

Hikoma Udihara nasceu no povoado de Kami-Yakawa, município de Agawa, província de Kochi, no Japão, em 7 de novembro de 1882, antes mesmo da invenção do cinema. Filho primogênito de uma família considerada “abastada” para os padrões do país, à época, seus pais Bunshiro e Sem Udihara tinham boa formação escolar e eram funcionários públicos. Em razão da condição familiar, Hikoma estudou em boas escolas japonesas. Ainda adolescente, foi para Osaka, estudar na Escola de Comércio Meichin, onde se diplomou em 1899. Voltou a Kochi e, vislumbrando viajar pelo mundo, concomitante à continuidade de seus estudos formais, começou a estudar línguas ocidentais na Escola Koyo. Pouco se sabe sobre Hikoma Udihara entre 1900 e 1906. Porém, por quase três anos, de 1907 a 1909, trabalhou como agrimensor em sua província de origem. A experiência adquirida nesta atividade foi fundamental para, mais tarde, se destacar e atingir sucesso no Brasil.

Nessa época – final da primeira década do século XX – estava maravilhado com as notícias de um paraíso de extensas terras virgens e férteis na América Latina, que chegavam pela publicidade em agências de emigração e eram reproduzidas “boca-a-boca” entre os milhares de interessados em fugir da pobreza e falta de emprego que assolavam o Japão. Para emigrar era preciso cumprir

algumas exigências e havia preferência explícita por famílias numerosas (mais mão-de-obra) ou por casais recém-casados. Interessado em emigrar, casou-se, aos 27 anos, com sua jovem namorada Mitsuyo. Nos planos do casal, a prioridade era emigrar para o Brasil.

Esperançoso, o casal embarcou para o Brasil. Tomaram o navio Ryojun-Marú¹⁹, no porto de Kobe (Japão), dia 30 de abril de 1910, e aportaram em Santos (estado de São Paulo – Brasil) em 28 de junho do mesmo ano, depois de dois meses de viagem. Em terras brasileiras, o casal Udihara foi trabalhar nas lavouras de café da Fazenda Guatapará, às margens da Estrada de Ferro Mogiana, no interior do estado de São Paulo. Caio Cesaro (2007, p.101), estudioso da obra cinegráfica do imigrante, destaca que “a experiência como agrimensor e o ano de estudo de línguas ocidentais fizeram Hikoma Udihara se destacar. Pouco demorou para ser promovido a capataz”. Em Portugal o termo capataz é utilizado para designar o chefe dos aguadeiros (pescadores). No Brasil, porém, a designação mais frequente do termo é para referir-se ao chefe de um grupo de trabalhadores rurais.

Depois de trabalhar por cerca de dois anos na Fazenda Guatapará, o casal se transferiu para a capital do estado, a cidade de São Paulo, onde Udihara trabalhou duro, em diversas atividades, para ganhar a vida. Exerceu os ofícios de carpinteiro, motorista, garçom, copeiro, mordomo e fotógrafo. Ao final da segunda década do século XX, o casal já tinha três filhos: Satico, Massaki e Issao Udihara.

No início dos anos 20, Hikoma Udihara decidiu arriscar uma outra atividade, mais promissora e rentável que a de fotógrafo curioso e autodidata: corretagem de terras em novas fronteiras agrícolas nos estados de São Paulo (região noroeste) e Paraná (na região conhecida como norte pioneiro), quase sempre acompanhando os trilhos de estradas de ferro, por motivos estratégicos de abastecimento dos novos povoados e escoamento dos produtos agrícolas por eles produzidos.

¹⁹ Ryojun-Marú foi o segundo navio a trazer japoneses para morar e trabalhar no Brasil. O primeiro, dois anos antes, foi o Kasato-Marú, que aportou em Santos (SP) em 18 de junho de 1808, data em que se comemora o início da imigração japonesa no Brasil.

Além de vender terras – principalmente para imigrantes japoneses, dada sua facilidade de comunicação com os “patrícios”, posto que falava razoavelmente bem o português – também era responsável pelo início da colonização e construção de colônias ou núcleos coloniais para os imigrantes japoneses.

Trabalhou nesta função para algumas empresas colonizadoras paulistas. E, em suas viagens, levava sempre o equipamento fotográfico. Em 1925, começou a trabalhar na recém fundada Companhia de Terras Norte do Paraná. Sabedor de sua fluência na língua portuguesa, o então gerente geral da companhia, o inglês Arthur Thomas, convidou-o para trabalhar com os imigrantes japoneses. Udihara obteve um contrato de exclusividade na venda das terras “roxas”²⁰ do norte do Paraná aos imigrantes japoneses.

Companhia de Terras Norte do Paraná, a colonizadora

A Companhia de Terras Norte do Paraná foi a responsável pelo projeto e início da colonização da região norte do estado do Paraná. A companhia começou a ser planejada em 1924, quando Lord Lovat, que estava no Brasil como integrante da Missão Montagu, visitou a região, atendendo ao convite de fazendeiros que estavam construindo uma estrada de ferro entre as cidades de Ourinhos (São Paulo) e Cambará (Paraná). Boni (2004: 31) comenta essa visita: “Experiente em agricultura, Lord Lovat de imediato percebeu o potencial de fertilidades das terras e, de volta a São Paulo, enviou um telegrama para o Sr. Arthur Hugh Miller Thomas, então presidente do Sudan Cotton Plantations Syndicate, residente em Cartum, capital do Sudão, sugerindo que ambos se encontrassem em Londres.”

²⁰ Na realidade, as terras da região norte do Paraná são vermelhas. No processo de colonização, nas décadas de 30, 40, 50 e 60 do século XX, a região recebeu muitos imigrantes italianos que se referiam à terra como “rossa” (vermelha, em italiano). Os brasileiros acabaram aportuguesando o termo, de “rossa” para “roxa”. O novo termo caiu no gosto popular e foi reproduzido à exaustão. Hoje, é difícil as pessoas que vivem nas áreas rurais da região se referirem à terra como “vermelha”. A maioria absoluta continua se referindo a ela como “roxa”.

Reunidos em Londres, Lord Lovat, Arthur Thomas e outros cotonicultores decidiram investir no Brasil. Para tanto, fundaram a *Brazil Plantations Syndicate*. Ainda em 1924, Lord Lovat voltou ao Brasil, acompanhado de Arthur Thomas e William Reid. Visitaram o norte do Paraná e, convencidos do potencial da região pela fertilidade das terras, mas principalmente pela oportunidade imobiliária que a abertura dessa nova fronteira poderia representar, resolveram investir na região. Para tanto, criaram, em Londres, em 1925, a *Paraná Plantations Ltd.*, praticamente com o mesmo corpo acionário da empresa fundada no ano anterior. Mas ainda não era o bastante. A legislação brasileira exigia que o administrador fosse brasileiro. Assim, de acordo com Boni (2004: 31-32): “Ainda em 1925, no dia 24 de setembro, foi fundada em São Paulo a Companhia de Terras Norte do Paraná (o registro na Junta Comercial do Estado de São Paulo é desta data), com 99,86% do capital social subscrito pela Paraná Plantations Ltd. É evidente que havia interesses e sócios brasileiros envolvidos no empreendimento. Para atender à legislação em vigor (a segunda Constituição brasileira, de 1891), inclusive, a administração deveria ser exercida por brasileiros. Assim, estrategicamente, o Sr. Antônio de Moraes Barros assumiu a presidência e o Sr. Arthur Thomas a gerência administrativa.”

A partir de então, a CTNP começou a comprar terras no norte do estado do Paraná, com objetivos claramente imobiliários. Entre 1925 e 1927, comprou 515.000 alqueires de terras, localizadas entre os rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí. A maior parte dessas terras – cerca de 450.000 alqueires eram consideradas terras devolutas (desocupadas e desabitadas) – foi adquirida diretamente do governo paranaense, a preços relativamente baixos. “O baixo valor das terras se justificava pelo interesse do governo em ocupar e desenvolver o estado. Para tanto, era necessário desmatar áreas nativas, transformando-as em produtivas, para, com isso, atrair investimentos e desbravadores dispostos a fincar raízes em áreas ainda inóspitas. Outro fator que pesou na negociação foi o compromisso que a compradora assumiu de construir a estrada de ferro que cortaria toda a região, ligando Cambará a Guairá, na fronteira com o Paraguai.” (Boni, 2004: 32)

De posse documentada das terras, a CTNP começou seu projeto de colonização e venda de lotes. Primeiro mandou alguns funcionários, entre eles um agrimensor, o russo Alexandre Razgulaeff, e o auxiliar de agrimensura Spartaco Príncipe Bambi, brasileiro, filho de imigrantes italianos, para dar início ao processo de demarcação das terras e sua divisão em lotes de diversos tamanhos para venda aos interessados. Depois criou infraestrutura básica para que alguns povoados funcionassem com determinada autonomia (o primeiro deles foi Londrina): hotel, armazém de secos e molhados, hospital, serviços de saúde, transporte, saneamento e outros.

A colonizadora sabia bem que seus clientes potenciais (compradores de terras) eram colonos ou pequenos proprietários de outros estados, notadamente São Paulo, Minas Gerais e Bahia, ou imigrantes. Dentre estes, os que já estavam no Brasil e trabalhavam como empregados nas lavouras de café em outros estados, e os que estavam – ainda na Europa – amadurecendo a ideia de emigrarem para o Brasil, quer em busca de novas e melhores oportunidades, quer para fugir do momento economicamente pouco favorável que o velho continente atravessava após a Primeira Guerra Mundial, agravado pela depressão mundial decorrente da quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929. Alguns anos mais tarde, os europeus que estavam fugindo do epicentro da Segunda Guerra Mundial ou da perseguição nazista de Hitler engrossaram a lista de clientes preferenciais da CTNP.

No início da década de 30, o norte do Paraná era apenas uma imensa floresta virgem de mata atlântica. Assim, para vender suas terras, a CTNP precisava anunciá-las, torná-las visíveis, conhecidas e desejadas pelos potenciais clientes em outros estados e países. Arias Neto (1998: 29) esclarece que “a empresa colonizadora utilizava a fertilidade da terra como ponto central de toda sua propaganda”. Para publicizar o empreendimento, lançou mão de diversas alternativas. Uma delas foi criar um jornal, o *Paraná Norte*, que, semanalmente, fazia apologia à fertilidade das terras vermelhas, anunciava com euforia a conquista de novas infraestruturas e serviços, elogiava a organização e seriedade da colonizadora, e alardeava os baixos preços e as facilidades de pagamento dos

terrenos. O jornal era distribuído gratuitamente nas estações de trens, hotéis, restaurantes, bancos, confeitarias, barbearias e até igrejas de outros estados.

Outra estratégia adotada foi distribuir álbuns fotográficos para os agenciadores de terras convencerem os interessados em comprar terras pelo estilo “São Tomé”, ou seja, “ver para crer”. Boni e Sato (2009: 255) destacam que: “A melhor forma que a Companhia de Terras Norte do Paraná encontrou para propagandear a fertilidade do solo foi fotografar suas árvores e ressaltar sua magnitude. Assim, perobas-rosa centenárias e, principalmente figueiras brancas majestosas foram as primeiras ‘garotas propagandas’ do Norte Novo do estado do Paraná, região que abrange, hoje, o território de Londrina a Maringá. O diâmetro dos troncos das figueiras era tão grande, que para abraçá-lo seriam necessários alguns homens de braços esticados e mãos dadas.”

Ao longo do tempo, acompanhando o crescimento do povoado, além de continuar utilizando as mesmas estratégias (jornal e álbuns fotográficos) para propagandear as conquistas em termos infraestrutura da região, a CTNP incorporou novas alternativas, entre elas o contato direto (reuniões) com pessoas do exterior, interessadas em investir ou mesmo morar no norte do Paraná.

Udihara em Londrina: colonizador e cineasta

Hikoma Udihara começou a trabalhar para a Companhia de Terras Norte do Paraná em 1925, em São Paulo. Detentor da exclusividade de negociação com os imigrantes japoneses, viajava pelo interior de São Paulo, onde estavam localizadas as colônias nipônicas, e expunha aos conterrâneos que um novo empreendimento estava sendo aberto na região norte do Paraná, que o preço das terras era barato e as condições de compra eram facilitadas. O fato de ser um “patrício” inspirava confiança. Ele era didático: explicava aos imigrantes que as parcas economias que haviam reunido ao longo de dois, três, dez anos de trabalho não seriam suficientes para comprar um pedaço de terras no estado de São Paulo, já em pleno desenvolvimento e com o preço da terra muito valorizado em razão do crescimento do mercado internacional do café. Mas advertia que essas mesmas

economias eram suficientes para comprar um bom pedaço de terras numa região nova, fértil e promissora. Dizia que esta, sim, era a terra do futuro. Para Oguido (1988: 118), ele era mais que um simples corretor de terras, pois fazia de seu trabalho um instrumento para atingir um ideal: “contribuir com seus patrícios na tarefa de construir uma nova vida”. Muitos japoneses cederam ao jeito sincero e persuasivo de Udihara e compraram terras no norte do Paraná.

Em Dezembro de 1929, Hikoma Udihara trouxe a Londrina a primeira caravana de japoneses interessados em conhecer e comprar terras. As condições de transporte eram precárias: vieram em um caminhão em meio a picadas abertas na mata. Londrina ainda não tinha praticamente nada de infraestrutura: eram três ou quatro ranchos (um o Hotel Campestre) no meio da mata. A caravana era composta por nove potenciais compradores, vindos da região de Santo Anastácio (SP). Dos nove que vieram, cinco fecharam negócios. Os japoneses foram os primeiros a comprar terrenos da colonizadora inglesa. Ou seja, Londrina (o nome é uma homenagem às gentílicas de Londres) nasceu miscigenada. Na sequência vieram alemães, italianos, portugueses, espanhóis, poloneses, russos, ucranianos e outros. Mais de 30 etnias chegaram a Londrina em sua primeira década de história.

Londrina, hoje, é a terceira maior colônia japonesa do Brasil. Só perde para São Paulo (que tem, inclusive, um bairro dedicado aos japoneses, o Liberdade) e Curitiba (capital do Paraná). A quarta maior colônia japonesa é Maringá, também no norte do Paraná, a cerca de 100 quilômetros de Londrina. O Brasil é o segundo país do mundo em número de japoneses; só perde mesmo para o Japão.

Udihara continuou com a exclusividade para vender terras a japoneses. Mais que vender terras para os conterrâneos, trabalhava muito por eles. Lutava para que se adaptassem e obtivessem sucesso em sua nova morada. Num primeiro momento, todos os imigrantes vinham com a ideia de ganhar dinheiro e retornar à pátria mãe. Porém, com as dificuldades de ganhar dinheiro no Brasil, com o envolvimento do Japão na Segunda Guerra Mundial e com a crise no país do sol nascente pós-guerra, muitos decidiram fincar raízes no Brasil.

Desde que chegou, em 1910, Udihara sabia que morreria no Brasil. Não por falta de oportunidade de retornar ao Japão, mas por escolha própria. Gostava do Brasil. De janeiro de 1930 a 4 de março de 1955, quando se desligou da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (sucessora da CTNP), fundou 31 núcleos de colonização japonesa no norte do Paraná. Em junho de 1956, pouco depois de se desligar da CTNP/CMNP, publicou *História da minha vida e de minhas atividades no Japão e Brasil*, uma brochura autobiográfica, na qual afirmou: “Contribuí para a fundação de vários centros de cultura e de educação na região de Londrina e nas zonas circunvizinhas a essa cidade.” (Udihara, 1956, *apud* Igarashi, 2006: 158).

Sua família permanecia estabelecida em São Paulo. Mas ele, que adorava viajar e conhecer novos lugares, vivia na estrada. Construiu uma boa casa em Londrina, onde costumava hospedar japoneses que vinham comprar terras, prestar serviços ou que, simplesmente, estavam de passagem pela cidade. Seu filho Issao, médico, veio morar e clinicar em Londrina.

Apaixonado por fotografia e filmagens, fotografava e gravava as visitas de conterrâneos a Londrina; as visitas de políticos, autoridades, personalidades e dirigentes; as inaugurações de casas comerciais, agências prestadoras de serviços à comunidade, bancos e obras de infraestrutura. Gostava mais de gravar imagens em movimento, com sua câmera 16 mm, que de fotografar. Em suas constantes viagens pelo norte do Paraná e de Londrina a São Paulo, para visitar a família e revelar os filmes, carregava equipamentos fotográficos e cinematográficos. Documentou os primeiros trinta e cinco anos da colonização da região e do desenvolvimento urbano, econômico, político, social e artístico de Londrina. De acordo com relatos de seus descendentes, Hikoma Udihara comprou sua primeira câmera cinematográfica na cidade de São Paulo, em 1927. Com ela – e as outras que a sucederam – filmava tudo, incansavelmente. Só parou de gravar em 1969, quando sofreu um derrame cerebral e ficou paralítico. Faleceu em São Paulo, em 1972, pouco antes de completar 90 anos.

Suas gravações, hoje, são consideradas “documentários” da colonização e desenvolvimento do norte do Paraná, especialmente de Londrina. Gravava de

maneira espontânea, sem qualquer roteiro ou planejamento. Mostrava seus filmes em clubes, festas, encontros e, em algumas ocasiões comemorativas, marcava reuniões com os moradores dos lugarejos, vilas e cidades para que eles vissem as imagens. Tudo era novidade. Apesar do improvisado (normalmente os filmes eram projetados em paredes ou em lençóis esticados), os telespectadores ficavam fascinados com a magia das imagens em movimento.

Naquele tempo (décadas de 30 a 60), os filmes 8mm e 16mm não eram sonoros. Para não perder as informações era preciso anotar tudo e guardar os escritos junto com os rolos. Depois de revelados, Udihara os acondicionava em suas próprias latas de origem, onde também guardava algumas anotações. Também anotava na parte externa da lata onde o filme era armazenado, normalmente palavras-chave, como o evento filmado e a data das tomadas. Em mais de 90% dos casos as anotações eram em japonês.

Hikoma Udihara era um artista sem formação artística; um jornalista sem formação jornalística. Mas seus filmes/documentários têm composições artísticas e informações jornalísticas. Sua nora Casuhê Udihara, viúva de um de seus filhos (Isao Udihara), diz que “ele era um cinegrafista que não entendia de cinema e nem de arte”. Mas admite que seu falecido sogro “filmava tudo o que via. Era um curioso que gostava de fotografar e filmar”. (Casuhê Udihara *apud* Cesaro, 2007: 102).

O cidadão Hikoma Udihara se sentia responsável pelo bem estar dos japoneses que vieram tentar a sorte no norte do Paraná. Nas três primeiras décadas de colonização da região, quase todos o fizeram por sua influência e persuasão. Eles se sentiam seguros com a credibilidade do agenciador de terras, mas, principalmente, com a autêntica honradez oriental do imigrante que lhes vendia as terras. Udihara sabia dessa responsabilidade e assumia esse compromisso de honra com os conterrâneos. Lutava por eles com sua principal arma, as imagens em movimento.

Certa vez, ainda na primeira década da colonização de Londrina (década de 30), angustiou-se com uma situação: a perda de parte da produção dos sitiantes japoneses, por falta de condições de escoamento. Oguido (1998: 118) retratou

essa situação: “Cada sitiante que aqui veio, plantava para o seu consumo e ainda sobrava muito. E esses japoneses não tinham para onde mandar a produção, pois não havia estrada para lugar nenhum. Nem para Curitiba, nem para São Paulo.”

A colônia japonesa produzia hortaliças, frutas e grãos (café, arroz, milho e feijão), mas tinha dificuldades de comercializar o excedente da produção. Os potenciais compradores – os grandes mercados consumidores – ficavam muito distantes. As estradas eram precárias, sem qualquer tipo de pavimentação. O transporte rodoviário era uma aventura cara, demorada e incerta. Parte da produção acabava se perdendo. Isso incomodou demais o cineasta colonizador: ele se sentia responsável por esta situação, afinal havia sido ele que convenceu os conterrâneos a vir para o “meio do nada” no norte do Paraná.

Buscando uma alternativa para ajudá-los, teve a feliz ideia de convidar o interventor do estado do Paraná²¹, Manoel Ribas, para visitar a região. Ele veio acompanhado de seu secretariado. Udihara os levou para conhecer algumas lavouras e gravou tudo. Cesaro (2003: 103) lembra que o cineasta “sutilmente, também registrou o produto colhido sem ter por onde transportá-lo a fim de ser vendido”.

Assim que esses filmes foram revelados, foi a Curitiba com o intuito de mostrá-los às autoridades constituídas. Alugou uma sala de cinema, convidou as autoridades e mais dezenas de pessoas para a projeção. Como o filme era mudo, ficou em pé, à frente da tela (sem atrapalhar a visão dos presentes), e foi narrando o que se passava. Por diversas vezes chamou a atenção das autoridades para a quantidade e a qualidade da produção agrícola e apelou a elas para a construção de estradas que possibilitassem não só o escoamento da produção, mas o desenvolvimento da região. Estradas foram construídas. O norte do Paraná se desenvolveu a passos largos e rápidos. Cesaro (2003: 104) é enfático em afirmar

²¹ De 1937 a 1945, o Brasil viveu o chamado Estado Novo. O presidente da República era Getúlio Vargas e o Estado Novo era uma versão latino-americana do regime nazista de Hitler, na Alemanha. Com ele, o então presidente fechou o Congresso Nacional, promulgou uma nova Constituição, cassou direitos políticos, prendeu os “inimigos do regime”, destituiu os políticos democraticamente eleitos de seus cargos e, para a administração dos estados da federação, nomeou interventores.

que “Udihara teve grande influência na construção da estrada que permitiu a aceleração no desenvolvimento da região”.

Em situações semelhantes, Udihara não hesitou em utilizar as imagens para pressionar as autoridades a providenciarem benfeitorias para Londrina e região. Também não hesitou em utilizar as imagens para alavancar a venda de terras na região. Exibia seus filmes em outros estados da federação e, com eles, convencia potenciais compradores da fertilidade das terras e da oportunidade de residir e ganhar dinheiro no norte do Paraná. Num paradoxo no mínimo curioso, ao mesmo tempo que o agenciador de terras Hikoma Udihara ganhou muito dinheiro vendendo lotes no norte do Paraná, o cineasta amador Hikoma Udihara gastou boa parte do dinheiro na manutenção desse hobby caríssimo para a época. Os descendentes dizem que ele era um idealista e via na cinegrafia uma satisfação. Alguns estudiosos, entre eles Oguido (1988) dizem que as imagens para ele eram uma ferramenta de trabalho. Igarashi (2006: 159) lembra que ele mandou pintar em seu carro: “H. Udihara, colonizador. Telefone 522, Londrina. O único propagandista do Norte do Paraná desde o ano de 1922”, como pode ser visto na figura 1.

Considerando os quase trinta anos que morou em Londrina – intercalados com viagens constantes a São Paulo para visitar a família – e trabalhou na CTNP, o “cineasta” Hikomi Udihara sensibilizou e revelou 128 rolos de películas fílmicas com sua câmera de formato 16mm. Todos os filmes são silenciosos, sem banda sonora. As imagens foram tomadas à velocidade de 18 quadros por segundo. O tempo de duração de cada filme é relativamente curto, os mais longos atingem entre 13 e 14 minutos de imagens em movimento, ou seja, a capacidade média de um rolo de película fílmica para o formato 16mm à época. Ao todo, os filmes somavam cerca de 10 (dez) horas de imagens.



Figura 1: Hikoma Udihara e seu veículo de trabalho e propaganda. Fotografia: Autor desconhecido (provavelmente o próprio Udihara, utilizando o *timmer* da câmera). Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Em 1979, quase uma década depois da morte de Hikoma Udihara (falecido em 20 de agosto de 1972, em São Paulo), seu filho Issao Udihara, o único que veio morar em Londrina, doou o acervo do pai ao Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, da Universidade Estadual de Londrina. Sem condições técnicas, recursos financeiros e profissionais especializados para recuperar e preservar os filmes, em 1983 a UEL encaminhou o acervo para higienização, recuperação e migração à Cinemateca Brasileira, em São Paulo. O pesquisador Caio Cesaro, que, desde o início da década de 90, acompanha o acervo de Udihara descreve: “Em janeiro de 1984, técnicos da Cinemateca fizeram uma matriz em VHS de todo conteúdo passível de telecinagem [...]. A partir de 1988, os filmes considerados irrecuperáveis cinematograficamente foram devolvidos ao Museu em suas respectivas latas. Segundo recomendações da Cinemateca Brasileira, era um material do qual se poderia aproveitar fotogramas para transformá-los em slides. Os filmes de Udihara são [...] como slides, não possuem negativos e nem cópias. Trata-se, portanto, de material único.” (Cesaro, 2003: 108).

Os títulos dos filmes de Udihara são oriundos das anotações feitas por ele próprio na parte externa da lata de sua embalagem original. Essas anotações quase sempre se referiam à descrição do conteúdo contido na película. Cerca de uma terça parte de sua filmografia foi considerada pela Cinemateca Brasileira, na década de 80, como irrecuperável.

Considerações finais

A parte recuperada – e disponibilizada em fitas VHS – da filmografia de Hikoma Udihara é fonte de pesquisa imprescindível para a recuperação da memória e consolidação da identidade do interior do Brasil, mais pontual e especialmente a região norte do estado do Paraná e a cidade de Londrina. Em seus filmes, um retrato fiel de época da arquitetura de prédios comerciais e residenciais, infraestrutura, transportes, vestuário, costumes. Festas das colônias japonesas da região, desfiles cívicos e comemorativos, visitas de autoridades, inauguração de importantes prédios públicos e privados, de estabelecimentos comerciais e de obras públicas de infraestrutura em Londrina, como o prédio dos Correios, do Fórum, do Paço Municipal, do aeroporto e da rodoviária. A parte que se perdeu significa, infelizmente, a perda de parte da memória de Londrina e região.

Londrina e a região norte do estado do Paraná tiveram a sorte de ser colonizadas por europeus e asiáticos de mais de 30 etnias, principalmente italianos, espanhóis, portugueses, alemães e japoneses. Parte desses imigrantes veio com bom nível de formação educacional e conhecimento e experiência profissional em diversos ramos de atividades, entre eles os ofícios de fotógrafo e cinegrafista. Aqui, fizeram do ofício uma fonte de renda ou um *hobby*. Por um ou por outro, hoje a região desfruta de considerável acervo imagético para recuperar, preservar e democratizar sua história.

O acervo filmográfico de Hikoma Udihara é de fundamental importância para a recuperação histórica do cinema paranaense, bem como da região norte do Paraná, especialmente da cidade de Londrina. Se, por um lado, a academia e a

pesquisa lamentam a parte perdida, deteriorada pelo tempo, por outro comemoram a migração para novas mídias – e disponibilização para consulta pelo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss – da parte recuperada. Nas fitas VHS que reúnem a parte recuperada de seu acervo, imagens em movimento que recuperam a história de Londrina e região norte do Paraná e contribuem para a construção de sua identidade.

Referências bibliográficas

- ARIAS NETO, José Miguel (1998), *O Eldorado: representações da política em Londrina 1930-1975*, Londrina: Eduel.
- BONI, Paulo César (2004), *Fincando estacas!: a história de Londrina (década de 30) em textos e imagens*, Londrina: Edição do autor.
- BONI, Paulo César; SATO, Larissa Ayumi (2009), A mídia fotografia como estratégia publicitária da Companhia de Terras Norte do Paraná. In: BONI, Paulo César (Org.). *Certidões de nascimento da história: o surgimento de municípios no eixo Londrina – Maringá*, Londrina, Planográfica, pp. 243-267.
- CESARO, Caio Júlio (2007), *Memória e identidade regional no cinema de Hikoma Udihara. Discursos Fotográficos*, Londrina, v.3, n.3, pp. 97-112.
- IGARASHI, Toshio (2006), *História da imigração japonesa no Paraná*, Londrina: Aliança Cultural Brasil-Japão do Paraná.
- OGUIDO, Homero (1988), *De imigrante a pioneiro: a saga dos japoneses no Paraná*, Curitiba: Ipê.

Filmografia de Hikoma Udihara

Marialva
Apucarana
Dias 17,18,19,20 de fevereiro de 1951
Maringá
Panorama cidade S. Paulo (15.6.1927/12.8.1927)
Porto Guaíra
Porto Mendes
Porto Adela Paraguai
Páscoa – Março de 1948
Corpo de Cristo – 15.5.1949
La comunhão
Sahida/Escada
Chegada de N. Sra. de Fátima (Maringá)
Casamento – Matsudashi/Yamanouchi
Sítio de Hikoma Udihara

Maringá – família Ando
Cidade de Londrina/Cemitério/Colônia Esperança e Missa
Casa do Sr. Thomas/Inauguração do correio/missa 10hs Londrina
Inauguração da linha direta da Cia Aviação Real – Curitiba, Maringá
Inauguração do Jóquei Clube de Londrina
10hs Comarca de Mandaguari/Arapongas
Congregação Mariana/Bispo de Jacarezinho
Jardim Paraíso/Sítio Udihara/Jardim Motosima (filme colorido)
Fundamento Centro de Saúde e Ginásio Estadual – Cidade de Londrina
Ano novo na casa de Udihara/Igreja Matriz e Procissão
Nipponsshô (Aniversário de imigração Japonesa no Brasil)
Chegada a Santos do navio África Maru
Sítio de Ohara-Tomita/Colheita de algodão
5º aniversário de Maringá
Gleba Frazer/Atividades escolares e esportivas
Fronteiras sem lei
Campo de aviação/Chegada do Gov. Ademar de Barros
Nova Bilac/família Kenmoti/Ogassawara
Pinheiro Machado visita Londrina/Apucarana
Presidente Dutra-Londrina
1949 – Competição de Sumo
Parada Avenida
Inauguração do Fórum/Charrascada Bosque
Tossa No Yossa Koi Bushi
Corrida de bicicleta – Londrina/Maringá
Chegada do Bispo de Jacarezinho
Serra Morena, imigração, Estrada de Rodagem
Cidade de Londrina – 1932
Dr. Dibongir e Suyaki – Curitiba
15.06.1935 – Panorâmica da cidade de Londrina
Inauguração da Rodoviária
Missa/Colégio Mãe de Deus
Campo de aviação
Inauguração da placa-divisa Londrina/Sertanópolis
Inauguração de Elétrica Nova Dantisig (Cambé)
Aeroporto Palhano
27.1.1937 – Inauguração da comarca de Londrina
10.8.1957 – Goiânia – Chegada do Vice-Presidente Jango
Missa de Maringá/Cardeal Haguiahara (Japão)
Esperança (Arapongas)
Frigorífico
Inauguração do Banco Brasileiro para América do Sul
Banquete do Governador
Isao Cafelândia/Shigezo Kato
Corrida de bicicleta Avenida Paraná em Londrina
Dr. Wille e Major Flores visitam cadeia

Hikoma Udihara: um imigrante colonizador

Inauguração da Estrada de Ferro - Maringá

Casa Udihara

77º aniversário de Hikoma – Jardim Paraíso

Dia do pobre

Jogo de Futebol

1961 – Expo. Agropecuária

Cia de Terras Norte do Paraná – Hikoma Udihara

Tempo de Chuva

Desembarque – balsa Rio Ivai/Cidade Nova Maringá

Takatori (Yoshida)

4.5.1945 – Inauguração da Cooperativa de Londrina

29.7.1942 – Inauguração do Paço Municipal

Competições esportivas